LIÇÃO 12 - Crítica das Visões sobre o Número de Princípios Materiais

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 8: 988b 22-989b 24

> *86. Portanto, todos aqueles que sustentam que o todo é um e dizem que existe uma certa natureza única como matéria, e que esta é corpórea e tem medida, estão claramente errados de muitas maneiras. Pois eles dão apenas os elementos dos corpos e não os das coisas incorpóreas, como se as coisas incorpóreas não existissem.*
>
> *87. E, ao tentar declarar a causa da geração e corrupção, e ao tratar todas as coisas segundo o método da filosofia natural, eles eliminam a causa do movimento.*
>
> *88. Além disso, eles não afirmaram que a substância ou a quididade de uma coisa é causa de algo.*
>
> *89. E erraram ao sustentar que qualquer um dos corpos simples, exceto a terra, é um princípio, sem considerar como eles são gerados uns dos outros.*
>
> *90. Refiro-me ao fogo, terra, água e ar; pois alguns destes são gerados uns dos outros por combinação e outros por separação. Agora, faz a maior diferença quanto a qual destes é anterior e qual subsequente.*
>
> *91. Pois, de um modo, pareceria que o elemento mais básico de todos é aquele a partir do qual algo primeiro vem a ser por combinação. Mas tal elemento será aquele que tem as partes menores e é o mais sutil dos corpos. Daí, todos aqueles que postulam o fogo como primeiro princípio fazem afirmações que se conformam mais de perto a esta teoria. Mas cada um dos outros pensadores admite que o elemento primário dos corpos é algo deste tipo.*
>
> *92. Pois nenhum dos pensadores posteriores, e nenhum daqueles que falaram sobre o uno, quis que a terra fosse um elemento, evidentemente por causa do*

tamanho de suas partículas. Mas cada um dos outros três elementos encontra algum defensor, pois alguns dizem que este elemento primário é o fogo, outros a água, e outros o ar. Mas por que eles não dizem que é a terra, como, em certo sentido, a maioria dos homens faz? Pois eles dizem que tudo é terra. E Hesíodo diz que a terra é o primeiro dos corpos a ser gerado; pois esta acontece ser a visão antiga e comum. Portanto, segundo esta teoria, se alguém diz que qualquer um destes corpos, com exceção do fogo, é o elemento primário das coisas, ou se alguém sustenta que é algo mais denso que o ar, mas mais raro que a água, não falará a verdade.

93. Contudo, se aquilo que é posterior na geração é anterior por natureza, e se aquilo que é condensado e composto é posterior na geração, então o inverso será verdadeiro — a água será anterior ao ar, e a terra à água. Que estes pontos bastem, então, a respeito daqueles que postulam uma causa única como a que descrevemos.

94. A mesma consequência também será verdadeira se alguém postular muitos elementos, como Empédocles diz que os quatro corpos [elementares] são a matéria das coisas. Pois essas mesmas consequências devem ocorrer a este homem, bem como algumas que são peculiares a ele mesmo. Pois vemos as coisas sendo geradas umas das outras de tal maneira que o mesmo corpo nem sempre permanece fogo ou terra. Mas já falamos dessas questões em nossos tratados físicos.

95. E quanto à causa das coisas em movimento, seja que uma ou mais de uma deva ser postulada, não se deve pensar que o que foi dito é inteiramente correto ou razoável.

96. E, em geral, os que assim falam devem eliminar a alteração, porque o frio não virá do quente, nem o quente do frio. Pois o que é que sofre esses contrários e qual é a natureza única que se torna fogo e água? Empédocles não admite tal coisa.

97. Mas se alguém sustentasse que Anaxágoras fala de dois elementos, reconheceria algo plenamente de acordo com uma teoria que ele próprio não enunciou articuladamente, embora tivesse sido forçado a seguir aqueles que expressam essa visão. Pois dizer, como ele fez, que no início todas as coisas estão misturadas é absurdo, tanto porque seria necessário entender que as coisas preexistiam em estado não misturado, quanto porque não é apropriado que algo se misture com qualquer coisa; e também porque propriedades e acidentes poderiam ser separados das substâncias (pois há tanto mistura quanto separação das mesmas coisas). No entanto, se alguém o seguisse e articulasse o que ele quer dizer, sua afirmação talvez parecesse mais surpreendente. Pois quando nada era distinto de qualquer outra coisa, evidentemente nada seria verdadeiramente predicado dessa substância. Quero

> *dizer que ela não seria nem branca, nem preta, nem amarela, nem teria qualquer cor, mas seria necessariamente incolor; caso contrário, teria uma dessas cores. E, de modo semelhante, seria sem humores. E pela mesma razão, não teria nenhum outro atributo similar. Pois não poderia ter qualquer qualidade ou quantidade ou quididade, porque, se tivesse, alguns dos atributos descritos como princípios formais lhe seriam inerentes. Mas isso é obviamente impossível, já que todas as coisas estão misturadas; pois elas já seriam distintas umas das outras. Mas ele disse que todas as coisas estão misturadas, exceto o intelecto, e que este sozinho é não misturado e puro.' Ora, dessas afirmações segue-se para ele que há dois princípios, um sendo o próprio intelecto (pois este é não misturado em sentido absoluto), e o outro sendo o tipo de coisa que supomos ser o indeterminado antes de ser limitado e participar de uma forma. Portanto, o que ele diz não é nem correto nem claro, embora ele pretenda algo semelhante ao que pensadores posteriores disseram e ao que agora é mais aparente. Mas esses pensadores preocupam-se apenas com teorias próprias da geração, corrupção e movimento; pois geralmente é apenas desse tipo de substância que esses homens buscam os princípios e as causas.*

COMENTÁRIO

181. Tendo exposto as opiniões que os filósofos tinham sobre os princípios das coisas, Aristóteles começa aqui a criticá-las; e isso se divide em duas partes. Primeiro, ele critica cada opinião. Segundo (272), ele resume sua discussão e a vincula ao que segue ("Do que foi dito").

A primeira se divide em duas partes. Primeiro, ele critica as opiniões daqueles que trataram as coisas segundo o método da filosofia natural. Segundo (201), ele critica as opiniões daqueles que não trataram as coisas segundo o método da filosofia natural, i.e., Pitágoras e Platão, porque eles postularam princípios mais elevados do que os filósofos naturais ("Mas todos aqueles").

Quanto à primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, critica as opiniões daqueles que postularam uma única causa material; e segundo (190), critica as opiniões daqueles que postularam muitas ("A mesma consequência").

Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, critica as opiniões anteriores de modo geral; e segundo (183), de modo especial ("E eles estavam errados").

Ele critica essas opiniões de modo geral por meio de três argumentos. O primeiro (86) é este: no mundo não há apenas corpos, mas também certas coisas incorpóreas, como fica claro em *A Alma*. Mas esses homens postularam apenas princípios corpóreos, o que fica claro pelo fato de sustentarem que "o todo é um", i.e., que o universo é uma coisa substancialmente, e que há uma única natureza como matéria, e que esta é corpórea e tem "medida", i.e., dimensão. Mas um corpo não pode ser a causa de uma coisa incorpórea. Portanto, é evidente que eles erraram nesse aspecto, tratando os princípios das coisas de modo inadequado. E eles erraram não apenas nesse aspecto, mas em muitos outros, como fica claro pelos argumentos seguintes.

182. E, ao tentar (87).

Aqui ele apresenta o segundo argumento, que é assim: quem se sente obrigado a estabelecer a verdade sobre o movimento deve postular uma causa do movimento. Mas esses filósofos se sentiram obrigados a tratar o movimento, o que fica claro por duas razões: primeiro, porque tentaram declarar as causas da geração e corrupção no mundo, que não ocorrem sem movimento; e segundo, porque quiseram tratar as coisas segundo o método da filosofia natural. Mas, como um tratamento das coisas segundo esse método envolve movimento (pois a natureza é princípio de movimento e repouso, como fica claro no Livro II da *Física*), eles deveriam, portanto, ter tratado da causa que é a fonte do movimento. E como eles eliminaram a causa do movimento, não dizendo nada sobre ela, obviamente também erraram nesse aspecto.

183. Além disso, eles não (88).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento: todo ser natural tem "uma substância", i.e., uma *forma da parte*, e "quididade", i.e., a quidditade, que é a *forma do todo*. Ele diz forma na medida em que é princípio de subsistência, e quididade na medida em que é princípio de conhecimento, porque *o que uma coisa é* é conhecido por meio disso. Mas os filósofos anteriores não afirmaram que a forma é causa de algo. Eles trataram as coisas de modo inadequado, então, e também erraram ao negligenciar a causa formal.

184. Pois nenhum dos posteriores (92).

Aqui ele critica suas opiniões de modo especial; e faz isso com relação a duas coisas. Primeiro, critica-os por sustentarem que todos os elementos, com exceção do fogo, são os princípios das coisas. Segundo (187), critica-os por omitirem a terra ("No entanto, se").

Primeiro (92), ele retoma a posição daqueles que afirmaram que cada um dos corpos simples, exceto a terra, é o elemento [primário] das coisas. A razão que ele dá para essa posição é que esses homens viram que os corpos simples são gerados uns dos outros de tal modo que alguns vêm de outros por combinação ou compactação, assim como as coisas mais grosseiras vêm das mais refinadas.

185. Ele também explica como proceder contra suas opiniões a partir de seus próprios argumentos. Pois eles afirmavam que um desses elementos é o princípio das coisas, argumentando que as outras coisas são geradas a partir dele, seja por combinação, seja por separação. Ora, faz a maior diferença qual desses dois modos é anterior e qual é posterior, pois disso depende a prioridade ou posterioridade daquilo a partir do qual algo é gerado. Pois, por um lado, parece ser anterior aquilo a partir do qual algo é produzido por combinação; e ele apresenta esse argumento primeiro. No entanto, por outro lado, parece ser anterior aquilo a partir do qual algo é produzido por rarefação; e ele baseia seu segundo argumento nisso.

186. Pois o fato de que o elemento primário é aquele a partir do qual algo é produzido por combinação apoia a opinião atualmente sustentada de que o elemento mais básico é aquele a partir do qual outras coisas são produzidas por combinação. Isso, de fato, é evidente tanto pela razão quanto pelas coisas que eles sustentavam. É evidente pela razão, porque aquilo a partir do qual outras coisas são produzidas por combinação é o tipo mais refinado de corpo, e aquele que

tem as menores partes; e este parece ser o corpo mais simples. Portanto, se o simples é anterior ao composto, este corpo parece ser o primeiro. Também é evidente pelas coisas que eles sustentavam, porque todos aqueles que postularam o fogo como princípio das coisas afirmaram que ele é o primeiro princípio. Similarmente, outros foram vistos a seguir este argumento, pois pensavam que o elemento primário dos corpos é aquele que tem as partes mais finas. Isso é evidente pelo fato de que nenhum dos filósofos posteriores seguiu os poetas teólogos, que disseram que a terra é o elemento primário das coisas. Evidentemente, eles se recusaram a fazer isso "por causa do tamanho de suas partes", isto é, por causa da grosseria de suas partes. No entanto, é um fato que cada um dos outros três elementos encontra algum filósofo que o julga ser o princípio das coisas. Mas sua recusa em fazer da terra um princípio não deve ser explicada por uma recusa em rejeitar uma opinião comum; pois muitos homens pensavam que a terra é a substância das coisas. Hesíodo, que foi um dos poetas teólogos, também disse que a terra é o primeiro de todos os corpos a vir a ser. Assim, a opinião de que a terra é o princípio das coisas é evidentemente antiga, porque foi mantida pelos poetas teólogos, que precederam os filósofos da natureza. Era também a opinião comum, porque muitos homens a aceitavam. Segue-se, então, que os filósofos posteriores evitaram a posição de que a terra é um princípio apenas por causa da grosseria de suas partes. Mas é certo que a terra tem partes mais grosseiras que a água, e a água que o ar, e o ar que o fogo; e se há algum elemento intermediário, é evidente que ele é mais grosseiro que o fogo. Portanto, seguindo este argumento, fica claro que nenhum deles falou corretamente, exceto aquele que sustentou que o fogo é o primeiro princípio. Pois, assim que se sustenta que algum elemento é um princípio em razão de sua pequenez, o elemento mais diminuto deve ser considerado o primeiro princípio das coisas.

187. No entanto, se aquilo que (93).

Aqui ele apresenta outro argumento, e de acordo com ele o oposto parece ser verdadeiro, ou seja, que a terra é o elemento mais básico das coisas. Pois é evidente que tudo o que é posterior na geração é anterior na natureza, porque a natureza tende ao objetivo da geração como a primeira coisa em sua intenção. Mas quanto mais denso e composto algo é, mais tarde ele aparece no processo de geração; pois o processo de geração procede de coisas simples para compostas, assim como os corpos mistos vêm dos elementos, e os humores e membros [de um corpo vivo] dos corpos mistos. Portanto, tudo o que é mais composto e condensado é anterior na natureza. Dessa forma, chega-se a uma conclusão que é o oposto daquela que segue o primeiro argumento; isto é, a água é agora anterior ao ar e a terra à água como o primeiro princípio das coisas.

188. Deve-se notar, no entanto, que é uma coisa diferente buscar o que é anterior em uma e mesma entidade e o que é anterior sem qualificação. Pois se alguém busca o que é anterior sem qualificação, o perfeito deve ser anterior ao imperfeito, assim como a atualidade é anterior à potencialidade; porque uma coisa é trazida de um estado de imperfeição para um de perfeição, ou de potencialidade para atualidade, apenas por algo completamente atual. Portanto, se falamos do que é primeiro em todo o universo, ele deve ser a coisa mais perfeita. Mas no caso de uma coisa particular que vai da potencialidade à atualidade completa, a potencialidade é anterior à atualidade no tempo, embora seja posterior na natureza. Também é claro que o primeiro de todos os seres deve ser algo que é o mais simples; pois o composto depende do simples, e não o contrário. Era necessário, então, que os filósofos antigos atribuíssem ambas essas propriedades (a maior perfeição junto com a maior simplicidade) ao primeiro princípio de todo o universo. No

entanto, essas duas propriedades não podem ser atribuídas simultaneamente a nenhum princípio corpóreo, pois nos corpos sujeitos à geração e corrupção, as entidades mais simples são imperfeitas. Eles foram compelidos, então, como que por argumentos contrários, a postular diferentes princípios. No entanto, eles preferiram o argumento da simplicidade, porque consideravam as coisas apenas na medida em que algo passa da potencialidade à atualidade, e nessa ordem não é necessário que qualquer coisa que seja um princípio seja mais perfeita. Mas esse tipo de oposição só pode ser resolvido mantendo-se que o primeiro princípio das coisas é incorpóreo, porque esse princípio será o mais simples, como Aristóteles provará adiante (2548).

189. Por último, ele conclui que, para os propósitos da presente discussão, já foi dito o suficiente sobre as posições daqueles que afirmam uma única causa material.

190. A mesma consequência (94).

Aqui ele apresenta os argumentos contra aqueles que postularam muitas causas materiais. Primeiro, ele argumenta contra Empédocles; e segundo (194), contra Anaxágoras ("Mas se alguém").

Primeiro (94), ele diz que a mesma consequência enfrenta Empédocles, que sustentou que os quatro [elementos] corpóreos são a matéria das coisas, porque ele experimentou a mesma dificuldade em relação à contrariedade acima. Pois de acordo com o argumento da simplicidade, o fogo pareceria ser o princípio mais básico dos corpos; e de acordo com o outro argumento, a terra pareceria sê-lo, como foi dito (187). E enquanto Empédocles enfrentou algumas das mesmas conclusões absurdas que os filósofos precedentes (isto é, ele não postulou nem uma causa formal nem a referida contrariedade de simplicidade e perfeição nas coisas corpóreas), não há argumento contra ele por suprimir a causa do movimento. Mas ele enfrentou certas outras conclusões absurdas além daquelas que confrontaram os filósofos que postularam uma única causa material.

191. Isso é mostrado por três argumentos, dos quais o primeiro é o seguinte.

Os primeiros princípios não são gerados uns a partir dos outros, porque um princípio deve sempre permanecer em existência, como é apontado no Livro I da *Física*. Mas percebemos que os quatro elementos são gerados uns a partir dos outros, e por essa razão sua geração é tratada na filosofia natural. Portanto, sua posição de que os quatro elementos são os primeiros princípios das coisas é insustentável.

192. **E quanto à causa (95).**

Aqui ele apresenta o segundo absurdo, que tem a ver com a causa do movimento. Pois postular muitas causas contrárias do movimento não é correto nem razoável; porque, se as causas do movimento são entendidas como causas próximas, elas devem ser contrárias, já que seus efeitos parecem ser contrários. Mas, se a causa primeira é entendida, então ela deve ser única, como é evidente no Livro XII (2492) desta obra e no Livro VIII da *Física*. Portanto, como ele pretende postular as causas primeiras do movimento, sua posição de que elas são contrárias é insustentável.

193. **E em geral (96).**

Aqui ele apresenta o terceiro argumento que leva a um absurdo: em todo processo de alteração, deve ser o mesmo sujeito que sofre os contrários. Isso é verdade porque um contrário não provém de outro de tal modo que um seja convertido no outro; por exemplo, o frio não provém do quente de modo que o próprio calor se torne frio ou vice-versa, embora o frio provenha do quente quando o sujeito subjacente é um só, na medida em que o único sujeito que é agora o sujeito do calor é depois o sujeito do frio. Mas Empédocles não sustentava que os contrários têm um só sujeito. Na verdade, ele sustentava que eles se encontram em sujeitos diferentes, como o calor no fogo e o frio na água. Nem sustentava ele que há uma natureza subjacente a esses dois. Portanto, ele não podia postular a alteração de modo algum. No entanto, é absurdo que a alteração seja completamente eliminada.

194. **Mas se alguém (97).**

Aqui ele trata da opinião de Anaxágoras; e a respeito disso faz duas coisas. Primeiro, mostra em geral em que aspecto a opinião de Anaxágoras deve ser aceita como verdadeira e em que aspecto não. Segundo (97), explica cada um destes aspectos em particular ("Pois dizer").

Ele diz, primeiro, que se alguém deseja sustentar que a opinião de Anaxágoras é verdadeira na medida em que ele postulou dois princípios, i.e., matéria e causa eficiente, que o entenda segundo o raciocínio que o próprio Anaxágoras parece ter seguido, como se compelido por alguma necessidade da verdade, na medida em que teria seguido aqueles que expressaram esta teoria. Mas "ele mesmo não a enunciou articuladamente"; i.e., não a expressou distintamente. Portanto, quanto ao que ele não expressou explicitamente, sua opinião é verdadeira; mas quanto ao que ele expressou explicitamente, sua opinião é falsa.

195. Isso é esclarecido em particular da seguinte forma. Se sua opinião for tomada em sua totalidade segundo uma compreensão superficial de suas afirmações, um absurdo maior aparecerá por quatro razões. Primeiro, sua opinião de que todas as coisas estavam misturadas no início do mundo é absurda; pois, na opinião de Aristóteles, a distinção entre as partes do mundo é considerada eterna. A segunda razão é esta: o que não é misturado está relacionado com o que é misturado como o simples ao composto. Mas os corpos simples são anteriores aos compostos, e não o contrário. Portanto, o que não é misturado deve ser anterior ao que é misturado. Isso é o oposto do que Anaxágoras disse. A terceira razão é esta: no caso dos corpos, nem tudo é naturalmente disposto a se misturar com qualquer outra coisa, mas apenas aquelas coisas são naturalmente dispostas a se misturar que estão naturalmente inclinadas a passar umas para as outras por algum tipo de alteração; pois uma mistura é uma união das coisas alteradas que são capazes de ser misturadas. Mas Anaxágoras sustentava que qualquer coisa é misturada com qualquer coisa. A quarta razão é esta: há tanto mistura quanto separação das mesmas coisas; pois apenas aquelas coisas são ditas misturadas que são naturalmente dispostas a existir separadamente. Mas propriedades e acidentes são misturados com substâncias, como Anaxágoras dizia. Portanto, segue-se que propriedades e acidentes podem existir separadamente das substâncias. Isso é evidentemente falso. Esses absurdos aparecem então, se a opinião de Anaxágoras for considerada de maneira superficial.

196. No entanto, se alguém o seguisse "e articulasse", i.e., investigasse clara e distintamente, as coisas que Anaxágoras "significa", i.e., o que ele pretendia, embora não soubesse como expressar

isso, sua afirmação pareceria mais surpreendente e sutil do que as dos filósofos precedentes. Isso será assim por duas razões. Primeiro, ele se aproximou mais de uma verdadeira compreensão da matéria. Isso fica claro pelo fato de que, naquela mistura de coisas, quando nada era distinguido de qualquer outra coisa, mas todas as coisas estavam misturadas, nada poderia ser verdadeiramente predicado daquela substância que é tão misturada, que ele sustentava ser a matéria das coisas. Isso é claro no caso das cores; pois nenhuma cor especial poderia ser predicada dela, de modo que pudesse ser dita branca ou preta ou ter alguma outra cor; porque, segundo isso, essa cor seria necessariamente não misturada com outras coisas. Nem, similarmente, a cor em geral poderia ser predicada dela, de modo que pudesse ser dita colorida; porque tudo do que um termo genérico é predicado deve também ter um termo específico predicado dele, seja a predicação unívoca ou denominativa. Portanto, se aquela substância fosse colorida, ela necessariamente teria alguma cor especial. Mas isso é oposto à afirmação anterior. E o argumento é similar com respeito a "humores", i.e., sabores, e a todas as outras coisas deste tipo. Portanto, os próprios gêneros primários não poderiam ser predicados dela de tal modo que ela tivesse qualidade ou quantidade ou algum atributo deste tipo. Pois se esses gêneros fossem predicados dela, alguma espécie particular necessariamente lhe pertenceria. Mas isso é impossível, se todas as coisas são consideradas misturadas. Pois esta espécie que seria predicada daquela substância já estaria distinguida das outras. E esta é a verdadeira natureza da matéria, i.e., que ela não tem nenhuma forma em ato, mas está em potência para todas as formas. Pois o próprio corpo misturado não tem em ato nenhuma das coisas que se combinam em sua mistura, mas as tem apenas em potência. E é por causa desta semelhança entre a matéria prima e o que é misturado que ele parece ter postulado a mistura acima; embora haja alguma diferença entre a potencialidade da matéria e a de uma mistura. Pois, ainda que os elementos que constituem uma mistura estejam presentes na mistura em potência, eles ainda não estão presentes em um estado de pura potência passiva; pois eles permanecem virtualmente na mistura. Isso pode ser demonstrado pelo fato de que uma mistura tem movimento e operações como resultado dos corpos de que a mistura é composta. Mas isso não pode ser dito das coisas que estão presentes potencialmente na matéria prima. E há também outra diferença, i.e., que, embora uma mistura não seja em ato nenhum dos corpos misturados que contém, ainda assim é algo em ato. Isso não pode ser dito da matéria prima. Mas Anaxágoras parece eliminar essa diferença, porque não postulou nenhuma mistura particular, mas a mistura universal de todas as coisas.

197. A segunda razão é esta: ele falou mais sutilmente que os outros, porque se aproximou mais de uma verdadeira compreensão do primeiro princípio ativo. Pois ele disse que todas as coisas estão misturadas, exceto o intelecto, e que este sozinho é não misturado e puro.

198. A partir dessas coisas, fica claro que ele postulou dois princípios: um deles ele afirmou ser o próprio intelecto, na medida em que é simples e não misturado com outras coisas; e o outro é a matéria prima, que afirmamos ser como o indeterminado antes de ser limitado e participar de uma forma. Pois, como a [matéria] prima é [sujeito] de um número infinito de formas, ela é limitada por uma forma e adquire alguma espécie por meio dela.

199. Está claro, então, que, quanto às coisas que ele expressou explicitamente, Anaxágoras não falou nem corretamente nem claramente. No entanto, ele pareceria dizer algo diretamente que se aproxima mais das opiniões dos filósofos posteriores, que são mais verdadeiras (i.e., das de Platão e Aristóteles, cujos juízos sobre a matéria prima eram corretos) e que eram então mais aparentes.

200. Concluindo, Aristóteles se desculpa de uma investigação mais diligente dessas opiniões, porque as afirmações desses filósofos pertencem ao domínio das discussões físicas, que tratam da geração e corrupção. Pois esses homens costumavam postular princípios e causas deste tipo de substância, i.e., de substância material e corruptível. Ele diz "costumavam", porque, embora eles não tratassem de outras substâncias, certos princípios por eles estabelecidos podem também ser estendidos a outras substâncias. Isso é mais evidente no caso do intelecto. Portanto, como eles não postularam princípios comuns a todas as substâncias, o que pertence a esta ciência, mas apenas princípios de substâncias corruptíveis, o que pertence à filosofia da natureza, um estudo diligente das opiniões anteriores pertence antes à filosofia da natureza do que a esta ciência.

Revision #3
Created 6 September 2026 22:05:54 by Admin
Updated 12 September 2026 23:27:36 by Admin